

CORPOREIDADE E DIVERSIDADE: DIÁLOGOS SOBRE PLURALIDADE E GARANTIA DE DIREITOS NO ESPAÇO ESCOLAR.¹

Eixo Temático 19 - Gênero e Sexualidade na Escola: Novas Ameaças, Enfrentamentos e Possibilidades de Resistências

Rosyene Conceição Soares Cutrim²
Érica da Silva Pinto³

RESUMO

No mundo contemporâneo, diante das inúmeras e rápidas transformações sócio-históricas e culturais, a sociedade precisa assumir a existência da pluralidade de sujeitos e uma postura de reconhecimento das diversidades. Objetivamos iniciar diálogos sobre a pluralidade dos corpos e conseqüentemente dos gêneros e sexualidades, buscando assim, reconhecimento e respeito pela diversidade que pautam a relação das pessoas em suas diferenças. O texto faz parte de um curso de formação continuada para profissionais do ensino médio e se estrutura em revisão bibliográfica, dos estudos e pesquisas da história do corpo, de gênero, estudos culturais, feministas e do feminismo pós-estruturalista, numa perspectiva dos marcadores sociais de identidade. Por fim, debatemos o trato social da diversidade corporal.

Palavras-chave: Corporeidade, Diversidade, Educação.

INTRODUÇÃO

O entendimento sobre o corpo e toda sua complexidade, advém a partir do momento que este é visto para além dos aspectos fisiológicos, biomecânicos e psicomotor. Pois são percebidos também, os aspectos e influências sócio-históricas, culturais, políticas, geográficas, de classe, de raça, de gênero, de sexualidade e outros marcadores sociais. Não se descartam as situações biológicas e fisiológicas corporais, mas se atribui outras nuances individuais, psicossociais, culturais, religiosas para o entendimento da corporeidade.

É bem verdade que, vivemos em tempos difíceis para abordarmos tais assuntos.

¹ Este texto faz parte do módulo III do Curso de Aperfeiçoamento Corpo e Diversidade na Educação- CDE, intitulado “Corpos e Corporeidades”, GESEPE/UFMA, 2021, p. 25 – 32.

² Mestra em Educação PPGEEB/UFMA, rosyicutrim@gmail.com

³ Mestra em Educação PPGEEB/UFMA, ericasp.edf@gmail.com

Tempos que mais uma vez e de modo bem explícito tentam discursivamente, segundo Foucault (2014), silenciar, limitar, enquadrar e pré-determinar os nossos corpos. Narrativas que tentam encerrar, amordaçar, aprisionar e vigiar corpos que não se limitam só a si, mas se complementam no outro, com o outro e para o outro. Tentam submeter imperativos aos nossos corpos sob proibições e condenações sociais, conceituando-os como sagrado x profano, lindo x feio, sublime x pecado, perfeito x imperfeito.

Assim, este texto se estrutura em uma revisão bibliográfica sob a ótica dos estudos e pesquisas da história do corpo, de gênero, estudos culturais, feministas e do feminismo pós-estruturalista, tendo como uma das categorias de estudo, os marcadores sociais de identidade ou de diferenças⁴. Utilizamos como principais teóricos Foucault (2014,2015), Le Breton (2007), Goellner (2010), Louro (2018), Butler (2017). O mesmo faz parte do módulo III, intitulado “Corpos e Corporeidades”, do Curso de Aperfeiçoamento Corpos e Diversidade na Educação- CDE e trata de uma ação formativa do Projeto de Pesquisa “A Construção das Relações de Gênero e da Sexualidade no Cotidiano Escolar”, desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero, Sexualidade nas Práticas Educativas (Gesepe/UFMA), visando fortalecer a prática pedagógica de docentes na cultura de respeito aos direitos humanos e a valorização da diversidade, com ênfase nos corpos, nos gêneros e nas sexualidades.

Ele foi oferecido em 2021, de forma on-line e possui carga horária de 180 horas, distribuídos em: 120 horas de atividades à distância (ambiente virtual de aprendizagem) e encontros virtuais (Google Meet ou Youtube com 60 horas). Como trabalho final, os/as discentes elaboraram propostas e projetos didáticos de intervenção sobre corpos, relações de gênero e sexualidades.

Especificamente, este resumo expandido traz o trato de conceitos sobre corporeidade e diversidade, em um diálogo introdutório para o reconhecimento desta pauta inserida em contexto cisheteronormativo, que insiste em desmerecer e desrespeitar as diferenças. Visando assim, um olhar mais atento para a pluralidade e garantia de

⁴ Segundo Lins *et al* (2016), marcadores sociais da diferença são marcas sociais que nos diferenciam uns dos outros e produzem desigualdades entre nós. Como por exemplo, os marcadores de gênero (como homem, mulher, transexual), de cor/raça (negro, branco, pardo, amarelo, indígena), de geração (criança, adolescente, jovem, adulto e terceira idade),... de orientação sexual (assexual, heterossexual, bissexual e homossexual) e de classe social (pobre, classe média e rico). Uma pessoa pode se identificar, ao mesmo tempo, como mulher, negra, jovem, periférica e lésbica, enquanto que outra pessoa se identifica como sendo homem, branco, cisgênero, heterossexual, classe média e de terceira idade. Essas características marcam como cada um irá experimentar o mundo.

direitos para todes na escola. Vejamos como os/as estudiosos/as da temática pontuam tais categorias.

Corporeidade e Diversidade nas Escolas

A construção dos corpos, dos desejos, comportamentos e identidades são individuais e muitas das vezes encontram resistência nas relações de poder. Como pontua Foucault (2015, p. 104), todo poder pressupõe resistência, ou seja, “lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder”. Encontramos tais relações também nas palavras, nos silêncios, na ação, nas propagandas, nos outdoors, nos cartazes, murais informativos, desenhos e escritos...

A sociedade é um dispositivo de poder/saber em relação aos nossos corpos. Segundo Le Breton (2007), a expressão “a existência é corporal” tem a perspectiva de afirmar que nosso corpo é uma construção sócio-histórica e política, é o local de nossa identidade. A corporeidade humana é, para este sociólogo, como fenômeno social e cultural. Ele afirma:

Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator, Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade. (LE BRETON, 2007, p. 7)

O corpo se estrutura no espaço social e cultural, não se traduz apenas pela natureza biológica, mas se constrói e reconstrói com toda a maquinaria das teias sociais e históricas que cada indivíduo tem em sua experiência particular de vivência. O corpo é a composição das diferenças sociais e culturais, na imersão de sua interação com os outros, na aquisição de elementos sócio-históricos de sua realidade. A corporeidade é socialmente construída, é o resultado dos processos de vida que o cercam.

Assim, entendemos o corpo como uma produção cultural, algo que *temos*, algo que *somos* conforme analisa Goellner (2010). Afinal, nosso corpo não é apenas um corpo, mas sim seu entorno. Ele é mais do que músculos, ossos e vísceras, ele é reflexo, é sensação...

[...] a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas, sempre à descoberta e a serem

descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas fundamentalmente os significados culturais e sociais que a ele se atribuem (GOELLNER, 2008, p. 29).

O corpo é construído por meio dos significados culturais e sociais, não é apenas um dado natural e biológico, mas o é uma relação intrínseca entre natureza e cultura, entre biológico e suas experiências sociais. Para Goellner (2010) “o corpo não é dado a priori”, resulta de construção de vivências sociais e culturais marcados em diferentes tempos, espaços, conjunturas políticas, econômicas, religiosas, grupos sociais, espaços geográficos etc.

Foucault também tem grande contribuição na construção teórica dos corpos como composições sociais e culturais historicamente datadas. Em seu Livro “Vigiar e Punir – nascimento da prisão” sobre o disciplinar dos corpos, ele define:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. (FOUCAULT, 2014, p. 135)

A utilidade dos corpos está atrelada a sua docilidade e obediência, numa relação de poder que o manipula, o reconstrói e o enquadra. “A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’” (FOUCAULT, 2014, p. 135). Para ele, o poder investe no corpo o domínio, tentando adocicá-lo e controlá-lo, e o controle da sociedade se inicia pela dominação do corpo através da relação poder/saber, perpassada pelos discursos educacionais, da medicina, religiosos e políticos. A ideia foucaultiana é problematizar o corpo, nestas relações sociais e culturais, intencionando conhecer os verdadeiros significados e discursos impostos por determinadas sociedades, grupos sociais e culturais sobre alguns corpos. De acordo com seus escritos Foucault (2014), o corpo é uma realidade biopolítica, pois a sociedade capitalista investiu no biológico, no somático e no corporal. O poder volta-se para o sujeito, ou mais especificamente, para seu corpo, não essencialmente para reprimi-lo, mas para adestrá-lo, torná-lo dócil e útil para a sociedade.

Goellner (2010), também nos indica que os corpos são produzidos por processos contínuos e minuciosos, dentro e fora da escola, na religião, na mídia, na medicina, nas normas jurídicas, enfim em todos os lugares, espaços que as pessoas vivem. Mas também

este corpo tem sido normatizado, diferenciando-se no que é certo e no que é errado, o perfeito e o imperfeito, o belo e o feio, na sua constituição de enquadramento normativo e binário, como o ideal e universal, elaborando corpos desejáveis e os não desejáveis, corpos dóceis e indóceis.

Na medida que falamos em diversidade, não existe um “corpo” e sim “corpos” numa variedade social e cultural de construções inevitáveis. E são estes corpos que estão presentes nos espaços sociais e na escola. Corpos diferenciados com seus gêneros e sexualidades também diferenciadas, constituindo múltiplas identidades.

Assim, surgem os ditos corpos insubmissos, indóceis, abjetos, estranhos, resistentes e dissidentes⁵, numa sociedade cisheteronormativa que se estrutura na imposição de um padrão, em que considera normais e com garantia de direitos e oportunidades, somente as pessoas cisgêneras (aceitam seu gênero em consonância com sua genitália, com a concepção binária de mulher/vagina, homem/pênis) e heterossexuais (relacionamento afetivo/sexual com pessoas do sexo oposto), homem x mulher, descartando do processo de cidadania aqueles/as que se desviam dessa norma.

Louro (2018), nos diz que as sociedades reiteram um alinhamento de normalidade e de coerência entre sexo-gênero-sexualidade. Para ela “As normas sociais regulatórias pretendem que um corpo, ao ser identificado como macho ou fêmea, determine, necessariamente, um gênero (masculino e feminino) e conduza a uma única forma de desejo (que deve se dirigir ao sexo/gênero oposto)” (LOURO, 2018, p. 98). Se há uma quebra normativa, situa-se o doente, o desviante, o abjeto, o dissidente.

Neste momento tocamos na importância da Teoria *Queer* e tem como principal expoente, a filósofa norte-americana, Judith Butler, que em seu livro “Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade” (2017), defende a ideia de que não existe apenas uma identidade, no singular, mas identidades, no plural. O termo em inglês *queer* significa, o que é estranho, o diferente, a oposição ao “normal” ou à normalização. A teoria engloba relações entre sexo, gênero e desejo sexual. Entrelaça estas categorias de forma, não normativa, não encaixada, como a sociedade quer predeterminar.

Butler (2017), também questiona a dimensão natural da diferença anatômica entre os sexos e problematiza a oposição binária entre sexo e gênero. O sexo também passa

⁵ Se referem aos corpos que subvertem as regras impostas pelo padrão cisheteronormativo. Enfrentam os limites impostos, às certezas, dogmas e se desviam das normas e convenções culturais. São as pessoas anormais, indesejáveis e inaceitáveis na sociedade machista e LGBTIQfóbica.

para a categoria de construção social e cultural e gênero, uma categoria, performativamente construída. A performatividade, não é um ato singular, ou uma casualidade a-histórica, mas sim uma constituição do gênero como atos, gestos, representação, ordinariamente constituídas. Assim, Butler nos leva a pensar o corpo, o gênero e a sexualidade no fazer-se e constituir-se temporal. Eles se estruturam em espaço e tempo definidos, “culturalmente sustentado na duração temporal”.

Também nos desafia na perspectiva de pensar para além dos conceitos dos binarismos como sexo e gênero, homem e pênis, mulher e vagina, corpo e mente, natureza e cultura.

Portanto, a teoria *queer* está em desacordo com o que está imposto como o normal, o correto. Ela é categoricamente, excêntrico, a-normal e diferenciado. Não se deixa subjugar pelo que é ditado como “a norma”. É uma rejeição a normatividade enquadrada. Deriva de um entendimento diferente do que é identidade e poder e que remete a dúvida das pressuposições sobre o ser e o agir da sexualidade.

Considerações Finais

Mas, e a escola com tudo isso? Ora, o ambiente escolar exerce, com certa maestria, sua função de instituição de controle, de poder e enquadramento das pessoas e de seus corpos, assegurando a fabricação de indivíduos, conforme determinados tipos.

A diversidade corporal não é bem aceita nos espaços públicos, assim como nas escolas. As práticas preconceituosas e discriminatórias para com as pessoas “fora da norma imposta” é notório, a partir de estudos, pesquisas e dados estatísticos. Na escola, observamos posturas, atitudes, silenciamentos e consentimentos da violência como resposta aos corpos, gêneros e sexualidades dos ditos “subversivos”, numa conseqüente avalanche de violências físicas e simbólicas contra os sujeitos que sofrem racismo, sexismo, misoginia, bullying, LGBTQfobia e tantas formas de desrespeitar, humilhar e até matar quem vive à margem da sociedade padrão.

Portanto, concordamos com Goellner (2010) que defende uma prática pedagógica voltada para as diversidades dos corpos, das sexualidades, e gêneros, numa perspectiva de inclusão e respeito, na aceitação das diferenças e o reconhecimento do valor de cada um e cada uma independentes de seus marcadores sociais identitários e indóceis, corpos dissidentes. Pois como afirma Butler (2017, p.54) “os corpos não se conformam, nunca,

completamente, as normas pelas quais suas materializações são impostas”. Ou seja, são os “sujeitos abjetos, aqueles que escapam das normas” (LOURO, 2018, p. 41).

REFERÊNCIAS

CUTRIM, Rosyene Conceição Soares. **Educação para a Igualdade de Gêneros e Sexualidades: entre ditos, interditos e feitos numa proposta de intervenção no Ensino Médio**. PPGEEB/UFMA.2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. 42ª ed. Editora Vozes. 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. 2ª ed. São Paulo; Paz e Terra. 2015.

GOELLNER, Silvana V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 5ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 3 rev. Amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SILVA, Sirlene Mota Pinheiro et al. **Corpos e Corporeidade**. Curso de Aperfeiçoamento Corpos e Diversidade na Educação (CDE). Módulo III, Maranhão, 2021.